

Editorial

Entre aqueles que, conformados pelos mecanismos ideológicos, enxergam no que aí está – o capitalismo – não um sistema, uma construção histórica (portanto, finita ou mutável), mas a única opção possível, um abalo foi sentido nos últimos meses – em uma suposição de que nem todos já tenham desligado por completo sua sensibilidade ao pensamento discordante. Entre este número 8 da Em Debate que chega e a edição anterior, uma série de manifestações tomou as ruas das cidades brasileiras sacudindo os que diziam que tudo ia muito bem e, paradoxalmente, confrontando também os que diziam que tudo ia muito mal – aliás, apenas um dos muitos paradoxos que nutriam as razões postas em movimento nas ruas, onde, não raro, um cartaz carregado contradizia frontalmente o cartaz do manifestante ao lado.

Independente do prisma observado e das disputas internas, o fato é que milhões de brasileiros, jovens na maior parte, saíram às ruas não uma ou duas, mas dezenas de vezes – e em muitas cidades, enfrentando dura repressão policial. Dentro do espírito da “batalha de ideias” descrita tempos atrás por Leandro Konder, um alerta foi emitido pelos mais jovens, à esquerda e à direita, de que o que aí está – a tal “única opção possível” – não basta. E não basta para muita gente.

Os textos desta Em Debate correspondem ao segundo semestre de 2012, período, portanto, anterior aos protestos citados. Como é característica da publicação o predomínio da abordagem crítica, não é questão de sorte ou mero acaso que os textos aqui apresentados abordem, direta ou indiretamente, algumas das razões que motivaram as manifestações de junho.

De início, o primeiro artigo é intitulado *Trabalho Produtivo e Trabalho Improdutivo nas “teorias da mais-valia” de Karl Marx*, de autoria de Artur Bispo dos Santos Neto, Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O texto destaca os aspectos distintivos de Marx e Adam Smith acerca da peculiaridade do trabalho produtivo e do trabalho improdutivo e a matriz fundamental da crítica marxiana à economia política. Nos manuscritos de 1861-1863, Marx destaca o mérito de Adam Smith tanto perante as posições fisiocratas e mercantilistas acerca da natureza do trabalho produtivo, quanto perante a plêiade de pensadores de menor importância da economia política que, posteriormente, tentaram erigir o trabalho improdutivo à

condição de trabalho produtivo. O elogio marxiano ao autor de “A riqueza das nações” não deve ser confundido com alguma afirmação de unidade absoluta acerca de suas considerações sobre a natureza do trabalho.

Em *As alternativas de construção de “um outro mundo possível”: movimentos sociais, Estado e/ou classe trabalhadora?*, o segundo artigo deste número, Wolney Carvalho, Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e Samya Campana, Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), lançam mão da abordagem de Immanuel Wallerstein e Ellen Wood para elucidar a importância da participação dos movimentos sociais, do Estado e da classe trabalhadora no processo. Para tanto, o artigo propõe um diálogo crítico, especialmente acerca da posição assumida por Wallerstein, a partir de uma breve exposição acerca da formulação de ambos os autores sobre o assunto e em se tratando da crise atual do capitalismo. O resultado dessa investigação aponta que as possibilidades efetivas de “um outro mundo” encontram respaldo na atuação da classe trabalhadora no poder do Estado.

Como que para lembrar a juventude dos manifestantes de junho, em *Lumpemproletarização Juvenil e Contestação Social na Grande Buenos Aires* Lisandro Braga, Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), trata da dinâmica da lumpemproletarização na Argentina, sua relação com o desencadeamento de diversas lutas, o surgimento de vários movimentos e práticas de resistências sociais (movimentos de trabalhadores desempregados, assembleias populares, autogestão nos bairros, realização de bloqueios de ruas, estradas e pontes etc.) e a ampla participação da juventude nessas ações de caráter contestador na Grande Buenos Aires (GBA), entre os anos de 1995-2002.

Michel Goulart da Silva, Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Técnico do Instituto Federal Catarinense (IFC), no artigo *O partido político em Florestan Fernandes* discute a concepção de partido defendida pelo renomado sociólogo, principalmente na década de 1980. Primeiro expondo a teoria da revolução defendida por Florestan e sua estratégia de socialismo. Numa segunda parte explora-se a tese de movimento socialista no contexto de rearticulação da esquerda, no final da década de 1970. Neste momento são abordadas as teses defendidas pelo

sociólogo acerca do Partido dos Trabalhadores (PT), principalmente as suas contribuições apresentadas no primeiro congresso do partido, em 1992.

No artigo seguinte, *Anarquismo, poder, classe e transformação social*, Felipe Corrêa Pedro, Mestre em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo (USP), editor da Faísca Publicações e diretor do Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA), discute, por meio de elementos teóricos e históricos, a relação do anarquismo com poder, classe e transformação social.

Partindo de uma definição do anarquismo, o texto sustenta que relacionar anarquismo e poder exige superar uma problemática semântica, e propõe conceituar o poder em termos de relação entre forças sociais assimétricas. Sustenta ainda que os anarquistas têm uma concepção e um projeto geral de poder que subsidia sua concepção de classe, estabelecida por meio de um tipo de poder (a dominação), e constitui as bases de sua noção de transformação social, que se caracteriza por: sua crença na capacidade de realização dos sujeitos que constituem parte das distintas classes dominadas, seu investimento na transformação dessa capacidade em força social, seu intento para que esta força aumente permanentemente, sua defesa de um processo revolucionário que permita superar as forças inimigas e substituir o poder dominador da sociedade por um poder autogestionário.

Renata Luiza Costa, Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) apresenta o artigo *Rede e-Tec: Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica ou Expansão do Neoliberalismo?* Embasado em um referencial teórico sobre as relações entre educação profissional, trabalho e capital, o texto apresenta dentro do contexto da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil (EPT), os reais interesses da implantação da Rede e-Tec Brasil. Ancorados também por documentos e dados oficiais como os censos (INEP), decretos e leis que regulamentam a EaD e a Rede e-Tec, é demonstrado que a Rede e-Tec avança de forma incisiva na consolidação dos ideais neoliberais dentro da EPT, no Brasil, haja vista a permanência da dualidade estrutural entre o técnico e o humano, e a forte presença de empresas privadas atuando de diversas formas dentro do ensino público.

Em *Apontamentos teórico-metodológicos para o estudo de instituições escolares: a especificidade da escola militar*, Marcus Fernandes Marcusso, Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), apresenta a caracterização da Escola Militar como instituição escolar *sui generis*. O autor toma Em Debat: Rev. Dig., ISSN 1980-3532, Florianópolis, n. 8, p. 1-4, jul-dez, 2012.

como objeto a Escola Militar do Realengo e alguns pressupostos teóricos e metodológicos do marxismo, em especial as premissas elencadas por Buffa e Nosella (2009) para o estudo de instituições escolares.

Partindo da exposição dos principais elementos do que identifica como metamorfose do Partido dos Trabalhadores, Henrique Cignachi, Doutorando em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no artigo intitulado *As interpretações da metamorfose do PT a partir da esquerda brasileira* analisa o debate realizado por representantes políticos e teóricos da esquerda brasileira acerca desta metamorfose. Derivou-se daí um recorte, entre nomes representativos da “esquerda petista” e nomes de “oposição de esquerda ao PT”. Considerou-se neste desenvolvimento uma confluência analítica de explicações estruturais das causas da metamorfose do PT, com a diferença significativa sobre quais barreiras estruturais estavam a serem enfrentadas, se de uma aristocracia do trabalho ou das condições de vida miseráveis da maioria da população, bem como problemas de ordem estratégica (programa político) e ação política.

Rogerio Duarte Fernandes dos Passos, Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, (CEETEPS-SP) apresenta a resenha do livro *Integração e Cidadania Europeia*, organizado por Rainer Schmidt e Thomas Richter.

Para finalizar, a Em Debate número 8 chega alguns meses depois do previsto, março de 2013. Esperamos que a riqueza dos artigos e resenha aqui publicados, bem como todo esforço das pessoas que trabalharam para a conclusão deste número justifique com folga essa pequena demora.

Dr. Giuliano Saneh

Integrante do Conselho Editorial da **Em Debate**.



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported License.